

POLYANTHEA

LETRAS E ARTES - GAZETA HEBDOMADARIA

REDACTORES—ALFREDO TOLEDO E RUI UNO GAMA

ANNO I

DESTERRO, SANTA CATHARINA, 14 DE ABRIL DE 1889

REDAÇÃO Á RUA DO OUVIDOR—(HOTEL AURORA)

N. 7

LIVRO DA PORTA

Assignatura (Capital) mez..... \$500
Pelo correio, trimestre..... 24000

POLYANTHEA

Desterro, 14 de Abril

ALLIANCE FRANÇAISE

Lemos no «Jornal do Commercio» n. 41, que o nosso sempre estimado amigo Sr. Léon Eugenio Lapagesse foi distinguido com a nomeação de Delegado da «Alliance Française», associação mais que importante, cujo fim é, segundo reza o Estatuto que a rege, o qual temos sobre nossa mesa de trabalho, a propagação do idioma francez nas colonias e no estrangeiro.

Sempre solícitos em corresponder ao apoio, que nos é dispensado pelo publico, procurámos receber informações verdadeiras e podemos hoje dar uma noticia mais circumstanciada, visto termos sob a vista o Estatuto, magistralmente confeccionado, e o bulletin n. 23 e 24 d'essa patriótica e civilisadora associação, dos quaes extrahimos nossos ligeiros apontamentos.

Essa sociedade fundada em 1883, tem em seu gremio vultos proeminentes, entre os quizes devemos notar M. de Lesseps, o general Faidherbe, o vice-almirante Jurien de la Gravière, o notabilissimo politico, por mais de uma vez organisador de ministerio, M. de Freycinet, o humanitario Pasteur, o historiadador Victor Duruy, Taine, Jules Simon, Renan, o senador Bardoux, ex-ministro da Instrução publica, o engenheiro Deligny e muitas outras notabilidades, sendo o secretario geral Pierre Foncin, Inspector da Instrução publica.

Pelos nomes citados poderão nossos leitores fazer uma idéa da importancia d'essa congregação, reconhecida pelo governo francez de utilidade publica, e quão subida a honra conferida ao prestante cida-

dão, nosso amigo, Sr. Léon Lapagesse, conhecedor profundo da lingua franceza, de que é professor no Instituto Litterario e Normal e no Lyceu de Artes e Officios, onde exerce dignamente o cargo de vice-director.

Estamos certos que a «Alliance Française», recebendo em seu seio o nosso amigo e mestre, deu um passo acertado; pois que suas habilitações e seu devotamento á causa radiante da instrução, e principalmente á bella e euphonica lingua franceza o fazem credor de encomios e apto a desempenhar brilhantemente a missão de que está encarregado.

Os mais sinceros emoras á «Alliance Française» pelo felicissimo acto da nomeação do Sr. Léon Eugenio Lapagesse para seu delegado, acto por demais justo; pois é notorio o talento herculeo, com que elle procura propagar os conhecimentos d'esse idioma, leccionando-o gratuitamente e com uma methodologia digna de nota, e ao nomeado todas as felicitações da «Polyanthea».

A VIRGEM ENEY

O sol já se tinha despedido da terra, deixando apenas no occaso uns raios amortecidos.

A noite rompendo as portas do firmamento, desenrolava sobre a calva do monte seu manto azul celeste dardejado d'estrellas electrificantes.

A lua pouco e pouco mostrando o pallido rosto, lançava sobre o mar prateados raios emquanto a fragil barquinha tripolada por valentes marinheiros cortava as mansas ondas ao som de melodiosos canticos cujos échos repercutiam na terra como as sublimes e harmoniosas canções do céu.

A população da cidade, correndo pressurosa, ia agglomerar-se no caés, esperando com anciedade a chegada da barquinha.

A cidade principiava a illuminar-se tendo aqui e ali focos de luz electrica de variadas côres symetrica-

mente collocados, o que dava um aspecto imponentissimo.

Apenas a barquinha chegou ao caés, saltou d'ella um homem de uma physionomia exquisita, trajando vestes fóra do costume.

A população cheia de curiosidade procurava saber quem era, de onde vinha e para onde se destinava, sem que ninguem soubesse responder, nem mesmo os tripolantes da barquinha que o tinham conduzido áquelle porto.

O desconhecido, impaciente por tantas indagações, rompeu por entre a multidão e em altas vozes assim fallou: «Sou o duque Elby e procuro a virgem Eney.»

A virgem Eney era uma menina que aos 15 annos amara o duque com extremo e que elle desprezara, havia um anno, por não ser de hierarchia igual á sua.

Eney, depois d'esse fatal acontecimento, passava os dias inteiros em frente a um velho relógio, contando as horas que passavam com as quaes o seu soffrimento crescia horripelmente.

O duque, arrependido do que tinha feito, procurava Eney com arciencia, jurando esposar-a custasse o que custasse.

Correu a cidade inteira, e, sem esperanças de encontral-a, caminhava triste e pensativo em direcção ao porto onde ficára a barquinha, quando, ao passar por uma choupana, vio que uma pobre mocinha atada, a um leito, gemia atrozmente.

Empurrando a porta, entrou e reconhecendo ser Eney, lançou-se sobre ella e cobrindo-a de beijos, disse:

— Perdoa-me, Erey! Amo-te! Venho buscar-te!

Ella, ardendo em febre, fitou-o e um sorriso soltouse-lhe dos labios.

Ainda o amava!

Elby, tomando-a então nos braços, seguiu para o caés e embarcando foi assentar-se junto do leme, com ella reclinada sobre o peito.

Ao signal de partir, a barquinha afastara-se do caés, e os marinheiros, remando cadencialmente, principiaram de novo a cantar.

Já iam longe, muito longe, quan-

do um clarão acercou-se da barquinha e logo após um aujo arrebatou dos braços de Elby a virgem Eney.

Os tripolantes, cheios de terror, remavam com mais força e Elby, allucinado, chamando por ella, atirou-se ao mar.

A' proporção que Elby descia ao fundo do abysmo, Eney subia ao céu, ao som de canções celestias entoadas por um bando de mimosos cherubins.

Desterro — Abril — 89.

NUNO GAMA

REVERIE

AO SR. MARCIANO F. DE SOUZA

Não está longe o dia: a princeza dos astros assoma a mudez do espaço, saltitante de graças, envolta em diadema de prata, emquanto do seio das aguas surge, ao primeiro rosiclér da manhã, a estrella d'alva, que vaé se mergulhando no outro oceano azul e diaphano—o oceano dos ares.

Embarcações ligeiras, osculadas pelo leve movimentar das auras, cruzam de quando em vez os seus velames brancos como se fossem cysnes romanos, de azas abertas, na magestade das aguas.

Bandos gentis de gaivotas brancas volatisam pelo ar perfulgente do espaço, enchendo-o de notas perdidas, que vão se confundir nas praias alvadias, onde cantam os poetas das selvas, os doces sabiás, poisallos nas ramagens espessas da baquirá escarlatizada.

O dia, o grande athleta, acordando-se d'essa nostalgia profunda, sacode os raios resequidos do sol as perolas da noite, que foge espavorida ante o gigante altaneiro sahido de um oceano de luz.

As planas espiritalisando-se saúdam o apparecimento da aurora, doce como o amanhecer rosado de uma alvorada de Maio.

Na roça tuas se acorda ao primeiro prenuncio do dia.

Na lareira da casa creancinhas travessas brincan descuidadas aos folguedos da infancia, emquanto no campo o homem, o grande industrial, de enxada, rasga na terra as sinuosidades do solo.

O engenho trabalha movido pelo boi—o rigido operario.

Moças d'olhos azues e cabelos côr de ouro, alvas como neve, tismadas de um ligeiro rosado, raspam a mandioca, n'uma alegria fervente

de juventude, enchendo o ar de cantos e balladas.

Ao longe na estrada, cantarolando as cantilenas rudes da roça, como se fosse um bando de gaivotas mansas, umas tantas meninas, de saias brancas e tamancos aos pés, vêm unir-se ao bando festivo, á contradança da farinhada.

Tudo trabalha e ri, n'uma saltitação alegre e ruidosa de festas, ao som do pandeiro e do barulho compassado das moendas.

89.

FERNANDO CALDEIRA

A CARIDADE

Triste noite hyemal nos campos estendia o gelido lençol que a relva cresta e mata, não brinca em céos de anil a nuvem côr de prata beijada do luar das noites de poesia.

Não fêrem dôcemente as harpas invisiveis da virgem solidão as brisas languorosas, nem ondas de perfume entornam frescas rosas partidas ao dulçor das albas aprasiveis.

Nem um astro no céu... Na terra e sobre as aguas só as galas da morte em gelida brancura! Horror e solidão!—por cantos de ternuras—o vento a sibilat d'encontro as negras fraguas!

De misera choupana o colmo arrebatado n'um impeto infernal, arranca o furacão, e o pobre sobre a enxerga, ás iras do bulcão presenta amortecido um corpo enregelado!

No lar sem luz, sem luz, penetram as agonias da dor que o corpo abate e a alma descestra, no entanto o rico dorme... e gosa, e sonha, e espera mil gosos ideaes de loucas phantazias!

O ouro d'avareza, os vis cuidados seus que o plácido tapiz d'alcova dissimula jámais na pobre mão que o crime não macula fecundo deslisou qual perola dos céos!

O pobre agonisava... e orico, emtanto, sonha! Ai! dorme a mesquinhez, mas véla a caridade! e a Providencia vê, no ermo e na cidade a limpida virtude, o crime que envergonha!

A aurora borda o céu d'opalas e saphiras; o gelo da campina o só delio piedoso; e o pobre achou conforto:—o seio carinhoso que tu, ó Caridade, aos males seus abristas!

E o barbaro opulento... oh Deus! teu céu irado terril despedio o raio da justiça; e sobre o ouro da infima cubica o rico aváro e máo cahio desamparado!

No entanto a Caridade, a excelsa, a meiga aurora que a noite do soffrer aclarara radiosa, lá, junto á pia cruz, prostrada, lacrimosa, do reprobó o perdão ainda aos céos implora!

DELMI DA SILVA

A INCONSTANTE

A FERNANDO CALDEIRA

O sol a pino fecundava a terra n'um derramamento de luz, mas de uma luz branca, vivificante, mordente.

Era na ampulheta do tempo a hora, em que o astro do dia visita o lugar proeminente da grande, immensa, colossal abobada do infinito.

Por entre as arvores do bosque cantavam canções estridulas e altisonantes as cigarras, emquanto o rustico proletario trabalhava a gleba, ao som monotono e cadenciado de suas cantigas entoadas com grosseiras vibrações isochronas do ar, e repetidas pelo écho ao longe.

Estavamos em uma pittoresca quinta; de um lado deslisava-se um regato, que, dividindo-se para mais longe se reunir, formava uma ilhota, onde florescia na pujança de uma natureza uberrima o pomar plantado em desalinho, de outro levantava-se com pequeno declive uma collina, que logo, ao amanhecer, recebia em cheio os raios solares.

Fatigado pelo passeio campestre recostei-me na CHAISE-LONGUE, e ella, sentada ao piano, delectava-me os ouvidos com harmoniosas melodias executadas com pericia e gosto.

Depois abandonou o piano e veio sentar-se juncto a mim.

E eu, que sempre amei-a com um amor puro e santo, ousei declarar-lhe meus sentimentos e ella toda pudor ouvia calada minhas palavras despretenciosas, mas sinceras.

E quando senti tinha entre as minhas as suas mãos pequenas, macias, da maciez do arminho.

E depois no arroubamento da paixão beijei-a, beijei-a loucamente; e ella corada fugio deixando-me só, só e triste.

A' tardinha, á hora do crepusculo—hora de saudades e amor!—ella dizia-me, com sua voz avelludada, de uma sonancia deliciosa e doce, que me amava, que me amaria sempre, sempre, com a constancia eterna de um anjo!

E eu acreditei em suas palavras, pronunciadas a medo, com voz tremula, que denunciavam o sentimento desabrochando em seu coração de virgem, e acreditei tanto mais convicto, estando de acordo com as theorias de Mantegazza.

Tive de ausentar-me por algum tempo da cidade em que moravamos, e, depois quando voltei julgando encontral-a constante e fiel a suas juras de amor perenne, soube que ella no dia anterior tinha se casado com um primo!

Desterro.

ALFREDO TOLEDO

LAZARO

A NUNO GAMA

Surge et ambula!

Levanta-te e caminha!

dissse Christo ao leproso, ao putrefacto Lazaro,
e a materia mesquinha
e a podridão informe

—dos vermes pasto já—qual si uma força enorme
erguesse-a, levantou-se

pura do mal tremendo, alegre e perfumada
de perfume subtil dos labios de Jesus....

E a morte transformou-se
em vida, e a rigidez marmorea do cadaver

tornou-se movimento,

e a solidão gelada,

os negrumes da tumba, a escuridão do nada

transformaram-se em luz de dóce firmamento,

em estrellas, em sóes, em brisas murmurantes,

em canticos de festa, em hymnos de alegria,

em lymphas de crystal serenas e cantantes,

em passaros, em relvas,

em sorrisos de amor e fremitos de selvas....

A noite fez-se dia....

1887.

HORACIO NUNES

NOVO DRAMA

Com este titulo lemos no «Jornal do Commercio» de hoje uma noticia do drama «O grande industrial» extrahido por Nuno Gama do celebre romance de George Ohnet, «O mestre de forjas».

E' sem duvida difficil o trabalho de extrahir-se de um romance uma peça theatral que reúna todos os requisitos exigidos em um bom drama.

Nuno da Gama, porém, soube vencer todas as difficuldades, supparar todos os obstaculos e remover todos os tropeços, e conseguiu, com extrema felicidade, architectar um monumentosinho cheio de scintillantes rendilhados e de encantos irresistiveis.

A sociedade «Cassino Catharinense», para a qual foi expressamente preparado «O grande industrial», já teria certamente apresentado a seus consocios a peça de Nuno Gama, membro distincto do corpo scenico da mesma sociedade, si não fôra a quadra epidemica que atravessámos e os calores excessivos do verão que findou, e que forçaram a sociedade a suspender as suas funcções.

Agora, porém, que o estado sanitario tem melhorado sensivelmente, deve o drama de Nuno Gama entrar em ensaios para ser brevemente representado.

Quando isso se dér, a opinião imparcial do publico ha de necessariamente concordar comnosco verificando que o trabalho de Nuno Gama é digno de ser apreciado.

Como amigo e companheiro de Nuno Gama nas lides theatraes, desejamos sinceramente que «O grande industrial» seja representado o mais cedo possivel sendo coroado de todas as felicidades.

Desterro—10—4—89.

HORACIO NUNES

O fazendeiro e o doutor universal

(AOS ROCEIROS DE S. LUIZ DO PARAHY-
TINGA)Um certo *sabio da Grecia*Dizia saber *grammatica,*Superior *mathematica,*

A sciencia natural,

O grego, o latim, o hebraico,

Racional *philosophia,*Historia, *geographia,*Era, em *summa, universal!*

—Qual o terreno mais proprio

(Perguntou-lhe um fazendeiro)

P'ra plantar o cafeiro?

—Não sei. Lhe diz o doutor.

—Como é qu'então sabes tudo?

—Mas não desço, ó parvo, á lama!...

—Dizes bem; só *pela rama*

Caminhas, meu impostor.

Estou co'o homem da enxada

Apesar de *tudo e p' tudo,*

Pois não ha quem saiba tudo

Nem ha quem não saiba nada.

WENCESLAU BUENO

A LIGA AZUL

Era uma t'ela, grande, muito bonita, representando uma *paysagem* oriental, illuminada ao fundo pelos raios amortecidos do sol poente.

Uma caravana egypcia descançava á sombra de uma palmeira. No primeiro plano pastavam camelos, á margem de um regato que serpenteava por entre a *gramma*.

Luizita adorava a pintura; o seu elegante gabinete, todo forrado de papel de ramagens, estava coberto de quadros, alguns dos quaes bem valiosos.

O papá conhecendo-lhe a predilecção, tivera a felicissima idéa de presentear-a no dia do seu anniversario com um trabalho de um dos nossos melhores artistas.

E muito interessada tratava ella de dependurar a t'ela na parede, um pouco inclinada, para melhor effeito de luz.

Trepou em uma cadeira e começou a delicada operação.

Dous cordeis de seda azul suspendiam a preciosa t'ela.

Luizita desceu e afastou-se um pouco para contemplar de longe o inestimavel mimo.

Não estava direito.

O lado direito principalmente ficava muito na sombra. Trepou de novo e puxou o quadro mais para a esquerda.

Agora sim, tudo ia muito bem.

E dispunha-se a saltar quando ouviu da porta a voz do primo Joca que disse:

—Olha, Luizita, que te está a cair a liga da perna direita.

A mocinha deixou escapar um gritosinho de susto, de pudor e de raiva ao mesmo tempo.

Os bonitos olhos negros encheram-se de lagrima, e levando o lenço ao rosto, começou a dizer por entre o pranto que lhe inundava as setinosas faces, que o primo era um malcreado, um intruso, que isso e mais aquillo, que nunca mais fallaria com elle.

E de facto passaram os dous como inimigos irreconciliaveis, uns oito longos dias.

Mas tudo passa *SUB SOLE* e findo este prazo, o maior que foi possivel ao seu odio, já ella concordava que realmente estava muito frouxo o fecho de prata da liga azul.

OLIVEIRA E SILVA

DEPOIS DA TORMENTA

Quantas vezes, phrenetico e raivoso
Vibra o tufão, o latego sombrio,
E o dorso crespo, tetrico, espumoso,
Do mar suspende, rugidor, bravo!

Do céo revolto, turvo e procelloso,
Rompe-se a treva, e o raio, em rubro fio,
Percorre o espaço, sobre o mar irroso
Corre do vento o tremulo assobio!

Mas volta a calma, e estende-se a planicie,
De cuja fluctuosa superficie
Inda rebenta a espuma prateada!

E enquanto a onda placida balança,
Sobre ella fulge em limpida bonança
Do firmamento a abobada estrellada!...

JULIA CORTINES

A MULHER

A EDUARDO PIRES

O espaço é o indefinido, e a luz
crea-se do conjuncto das estrellas
luminosas.

Ha alguma cousa na terra proxima-
mente aos olhares e á intelligencia
do homem que resume o incom-
mensuravel e o brilho das estrellas
—é a mulher

Quando moribundo, com as espe-
ranças mortas, extinctas; pizado o

Inter amicos

coração pela violencia de um mal inteiramente sem remedio, ergue ainda o mortal seus olhos amortecidos—quem é que elle vê que o vigia, que o vela, que ali está, qual estatua de uma dôr sem limites, junto de si «que vae acabar»?!

A mulher, o anjo sublime de todos os tempos, de todas as épochas.

No heroismo sabemos muito bem quem foi Judith; quem foi Lucrecia.

Em Dina a formosura faz prodigios admiraveis; em Helena subleva todos os povos troyanos.

E' a mulher o raio de amor que espanca as trevas da humanidade, que sem ella, sem o seu benefico influxo, seria um corpo sem alma, frio, enregelado.

Moscow sagrada do mundo é ella o templo sublime das nossas adorações.

Desterro, 12 de Abril de 1889.

SILVIO PELLICO

FACTOS

Uma carta

Recebemos da cidade de S. José uma carta do nosso cordial amigo o fluente orador e advogado distincto Sr. Arthur de Mello.

Esperamos que o apreciado escriptor leve a effeito o compromisso tomado de abrilhantar nossas columnas com suas produções sempre esperadas com avidéz e lidas com immenso prazer pelos apreciadores do bom e do bello.

Agradecemos damos a publicidade sua missiva.

« Illms. Srs. redactores da POLYANTHEA.—Extraordinariamente penhorado pelos honrosos e constantes convites que me fazeis para colaborar em vossa bem conceituada e luminosa folha hebdomadaria, A POLYANTHEA, sinto não dispôr de tempo sufficiente e a indispensavel proficiencia de uma penna magistral, como a dos distinctos vossos confrades, que, como vós, avigoram e robustecem o jornalismo desterrense, para, EX-CORDE, corresponder ao vosso appello, tão nobre quanto significativo da maior cordialidade.

« Prometto-vos, entretanto, esforçar-me por não desmerecer de tanta bondade e consideração.— O vosso sincero admirador.— ARTHUR DE MELLO.—S. José—6—4—89.»

No dia 7, anniversario natalicio do nosso collega Alfredo Toledo, elle teve a gentileza do offerecer aos seus amigos, que o foram comprimentar, um *lunch* lautamete servido no *Hotel Aurora*.

Entre os muitos *toasts* levantados n'essa reunião de amigos lembramo-nos dos seguintes:

O preclaro advogado Sr. Arthur de Mello, em brilhante elocução de estylo grandiloquo e palavras repassadas de sinceridade, brindou o nosso amigo pelo seu feliz anniversario e estendeu-se salientando os predicados que exornam sua individualidade. Em seguida o primoroso *conteur* Fernando Caldeira, o Catulle Mendès catharinense fez uma saudação entusiasta em termos alevantados, verdadeiras flôres selectamente colhidas no sumptuoso jardim da Rhetorica, ao alvo de todas as congratulações. O illustre poeta dos *Madrigaes*, Sr. Araujo Figueredo, em catadupante e pomposo brinde, genialmente inspirado, saudou ao nosso sempre estimavel collega, por mais esse marco brilhante plantado no caminho da existencia.

O conceituado commerciante e affivel cavalheiro, Sr. Abilio Gomes, em breves mas sinceras phrases, levantou um *toast* a Exma. Familia do nosso companheiro, á que elle respondeu com a facundia costumada, em phrases que impunham o mais religioso respeito e patenteavam a bondade de seu coração puro e magnanimo, saudando a todos seus amigos e particularisando a humilde personalidade do escriptor d'estas linhas, como seu companheiro de trabalho.

Durante o dia foi o nosso amigo muito comprimentado por pessoas gradas, altamente collocadas, por seus numerosos amigos e admiradores, pelos membros do *Club Litterario dos Estudantes*, de que é muito d'go presidente, e que na segunda parte da ordem do dia de sua sessão consagrou-se toda em saudalo entusiasticamente.

A' noite, ao *nine o'clock tea*, o nosso collega Alfredo Toledo offereceu aos amigos que o acompanharam até sua residencia no *Hotel Aurora* um bem servido chá, findo o qual seus amigos retiraram-se captivos pela affabilidade do nosso collega, que manifestou-se um perfeito *gentleman*.

Um poema

O apreciado escriptor, Sr. Silvio Pellico, illustrado professor de Rhetorica e Poetica do Instituto Litterario e Normal está escrevendo um poema sobre os Voluntarios Catharinenses.

Sabemos que já estam escriptos alguns cantos, que devem ser uma obra prima; pois de uma penna adamantina como a do vosso fulgurante collaborador só podemos esperar um primor, e que o é, desde já affirmamos a nossos leitores, a quem esperamos poder mimosear com alguns fragmentos.

Dando antecipadamente os parabens á litteratura patria por mais esse poema, que será um dos seus mais sumptuosos ornamentos e que dará a seu auctor um renome invejavel, congratulamo-nos com o nosso distincto e estimado amigo.

Iris Juvenil

Temos sobre a mesa ns dous primeiros numeros d'esse jornal *miignon*, que é dado á estampa em Bragança sob a redacção dos intelligentes jovens Francisco Lacorte e José Caetano.

Traz alguns artigos e algumas traducções, assignados pelos alumnos do Collegio Bragantino, de que é organo o *Iris Juvenil*, taes como por F. A. Lacorte, Arnaldo Wilhelmy e J. B. P. Vasconcellos.

Animamo-lo a proseguirem na difficillima empreza que encetaram, agradecemos a visita.

Recebemos o n. 22 do *Correio Bragantino*, que se publica em Bragança (S. Paulo) e d'elle passamos para nossas columnas as palavras com que nos distinguiram:

« A *Polyanthea*, gazeta hebdomadaria de letras e artes que acaba de apparecer em Desterro, Santa Catharina, e da qual são redactores os Srs. Alfredo Toledo e Nuno Gamma. Os numeros que temos a mão trazem artigos que muito honram os seus redactores.

Desejamos ao novo collega todas as prosperidades de que é digno.»
Agradecidos.